

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

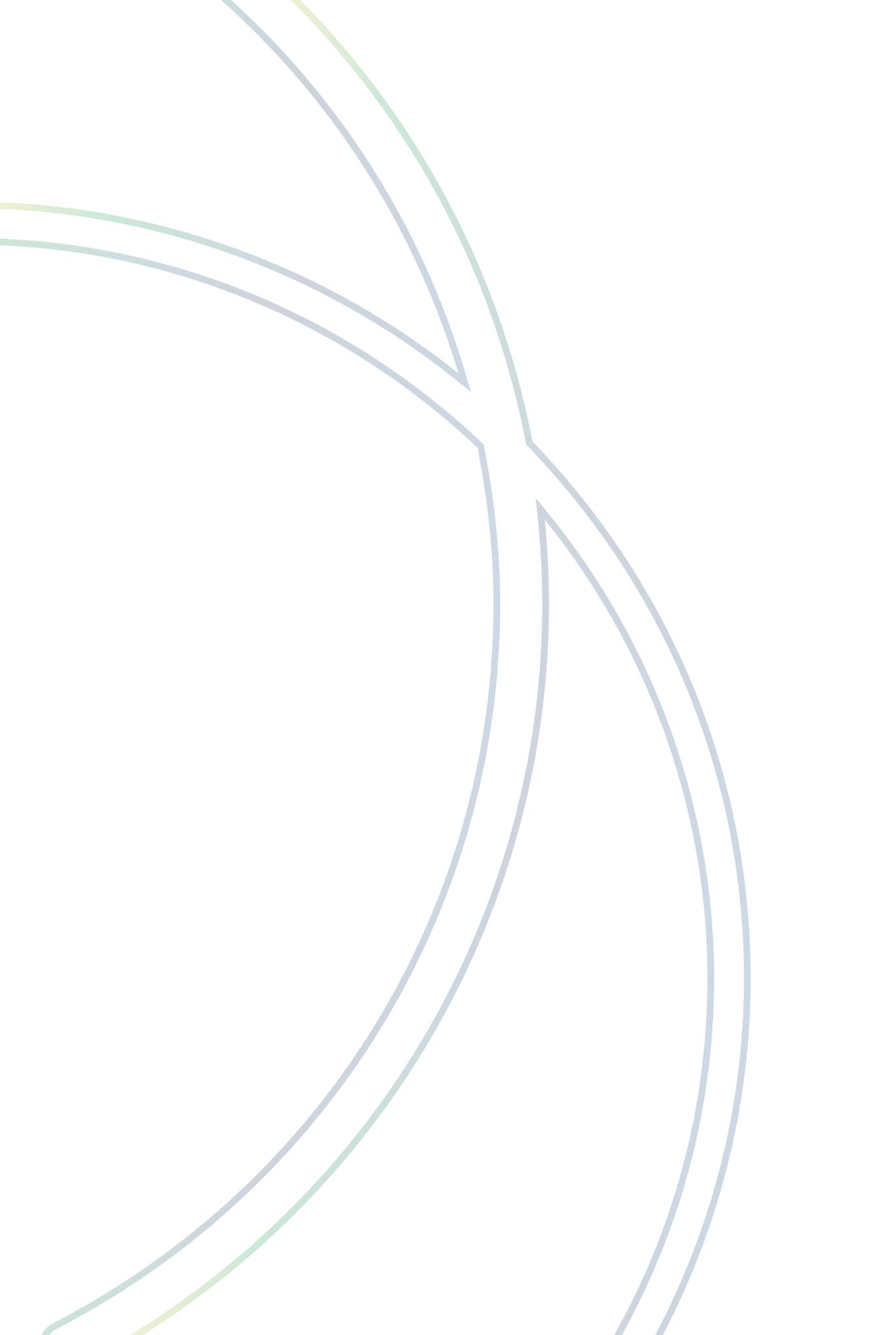
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
subjetivações e cultura / (organizadores)
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2024.
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

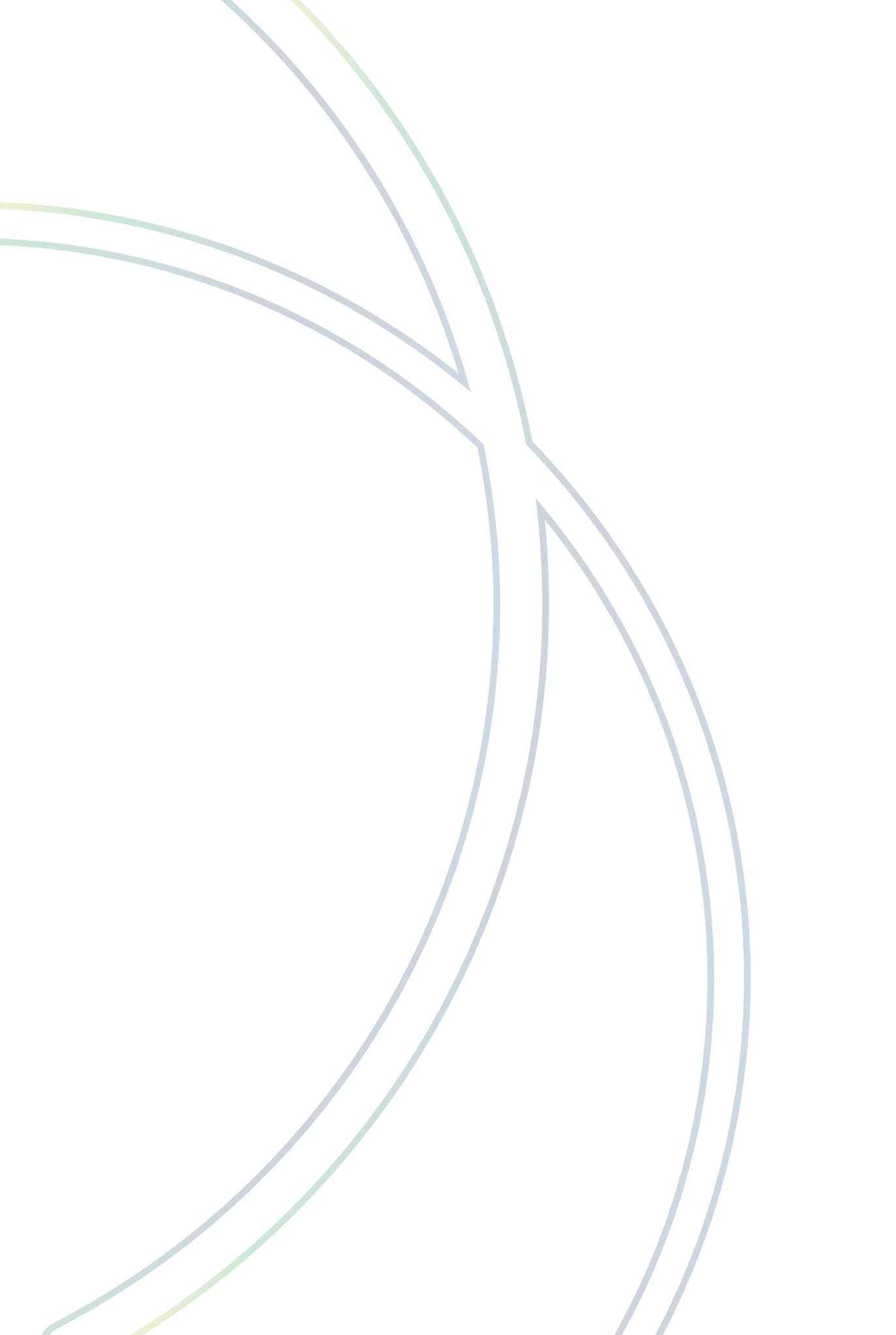
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

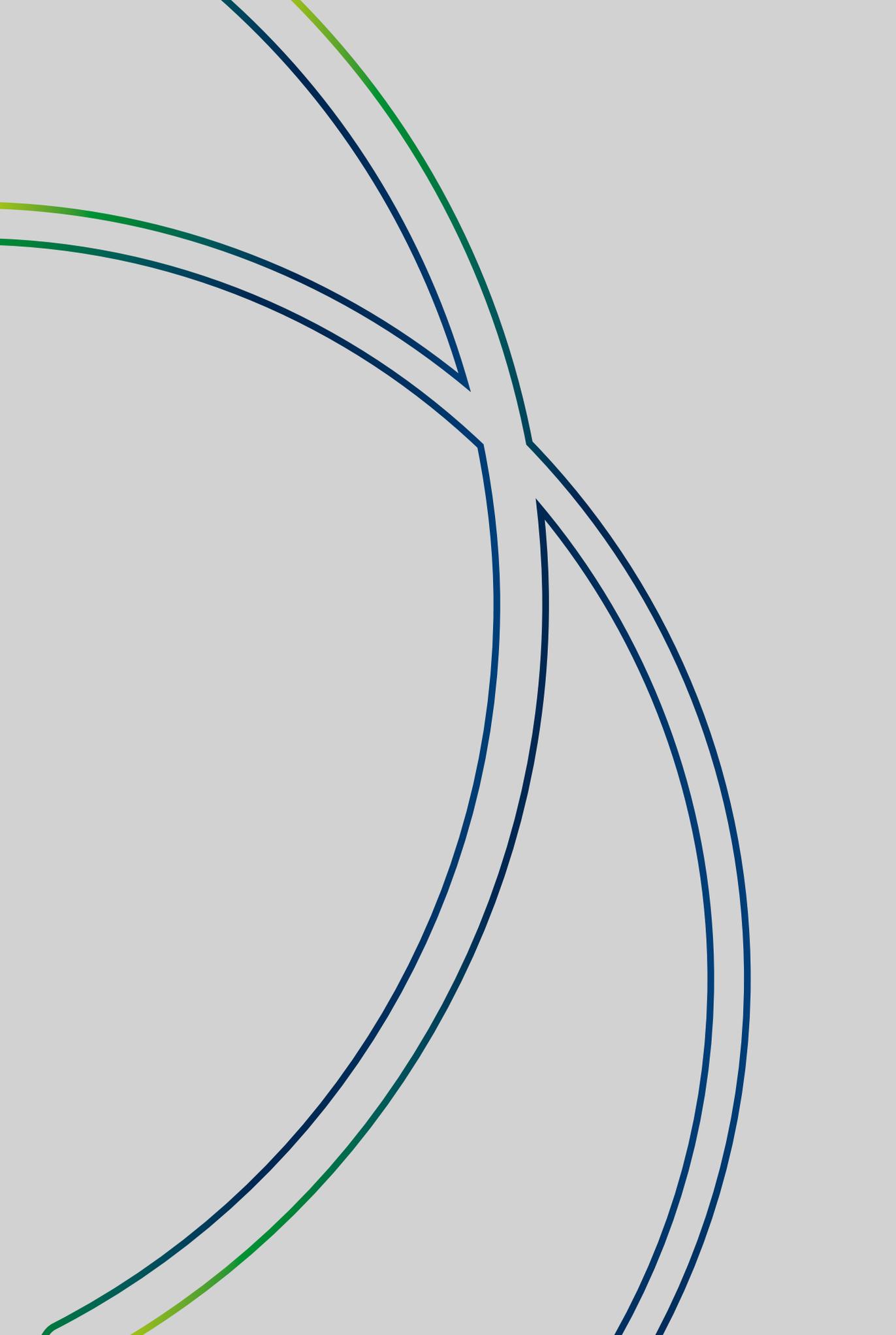
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise, arte, literatura e cultura

Parte III



Considerações sobre a criação

Entre Antonin Artaud e a Psicanálise

Antonio Trevisan
Ana Giulia de Araújo Conte
Roberto Medina
Márcia Cristina Maesso
Valéria Brisolará

A noção de criação é, a um só tempo, fundamental e enigmática para a Psicanálise. Fundamental, pois a problemática da criação está intimamente ligada à sublimação (Freud, 2015 [1908]), um dos destinos da pulsão, conceito sobre o qual se sustenta todo o edifício freudiano. Enigmática, uma vez que Freud jamais elaborou um conceito para a criação e para a criatividade, fornecendo, principalmente, indícios e instrumentos para investigar suas manifestações. A questão da criação e da arte, no entanto, atravessaram a obra freudiana e constituem um importante ponto de conexão entre a Psicanálise e outros campos do saber.

O objetivo deste trabalho é explorar o campo da criação na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan, ensaiando aproximações com o trabalho de Antonin Artaud, poeta, ensaísta político, dramaturgo, roteirista, ator de teatro e de cinema e artista plástico, cuja pluralidade técnica compõe um profícuo campo de investigação. Sua vasta obra constitui importante contribuição para tratar das forças psíquicas presentes na disposição propriamente humana para a criação, quer tratemos da criação artística, quer de outras modalidades da criação na vida cotidiana.

Para pesquisar o problema do motor dos processos criativos, Freud (2015 [1908]) voltou-se às brincadeiras infantis, nas quais identificou uma atividade poética: “toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada” (p. 54). Considerou, assim, que a disposição artística é um desdobramento das brincadeiras infantis, aproximando a arte das experiências primordiais do humano e elencando o fato de que o trabalho do poeta/fazedor (*Dichter*, em alemão) consiste em retomar o caráter de

invenção presente no brincar/jogar. Tal abordagem do problema consistiu em uma das tentativas freudianas de versar sobre o tema da criação artística, cujo interesse de investigação percorre sua obra. O retorno de Jacques Lacan ao texto freudiano também reconhece o saber do poeta e sua posição diante do analista, afirmando que “a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede” (Lacan, 2003 [1965], p. 204).

Abordaremos a criação compreendendo-a como a produção do sujeito para trazer o suporte de continuidade entre o interno e externo na vida anímica. Didier-Weill (2016, 2012) tratou da temática a partir das Artes do Teatro e da Poesia. O autor, seguindo o ensinamento de Lacan, pensa o problema da criação para além da sublimação no sentido freudiano, aquele de uma saída pulsional na sexualidade. Lacan e Didier-Weill avançaram com os questionamentos sobre a natureza da pulsão, relacionando a atividade das forças pulsionais ao traço criacionista decorrente das exigências de satisfação. Ou seja, a força para produção tem como origem a própria natureza da pulsão.

Chamamos atenção para a face mais arcaica da criação, aquela dos primórdios da atividade psíquica, ocorrida na infância, naquilo que comporta a estranheza do advir no mundo. Nos primórdios da constituição, o corpo do bebê é submetido ao desconhecido, o que exige o emprego de forças psíquicas que viabilizem a ligação do corpo ao mundo, operação que possibilita a formação do aparelho psíquico. Desde o princípio, portanto, o campo da criação se instaura e se refere à própria complexidade do tornar-se humano como forma de subjetivação.

Partimos do conceito de pulsão (Freud, 2016 [1905]), no qual repousa a condição *sine qua non* para qualquer tipo de produção, uma vez que a pulsão exige uma medida de trabalho (*Arbeit*, em alemão) e de investimento para a construção de elementos que façam o suporte do humano – ou seja, que faça operar a passagem do animal ao humano. Podemos dizer que os termos do trabalho da pulsão é fazer força para manter seu fluxo contínuo, daí tamanha exigência de trabalho. A criação, portanto, é derivada desse empenho.

A classificação empregada por Freud das forças pulsionais e suas respectivas atividades diferenciou pulsão de vida e pulsão de morte, Eros e Tânatos. Eros tem a função de ordenar e conservar, produzindo um tipo de agrupamento dos elementos experimentados pela psique no corpo, visando a constituição de alguma ordem que possibilite existir. À pulsão de morte cabe a função de aniquilar qualquer excitação que dê trabalho ao aparelho psíquico, impulsionando ao ponto zero de excitação. Sem adentrar nas querelas dualísticas, tais forças advindas das pulsões exigem um trabalho para se aproximar de seu objetivo.

A vasta atividade de Antonin Artaud (1948-1896) na escrita, na pintura e na encenação, possibilita evidenciar as forças em jogo no psiquismo para a produção artística e do pensar, nos arranjos operados pela força pulsional que, uma vez ligada a representantes, serve de motor aos processos criativos, estéticos e artísticos. A atividade de Artaud, conhecida por estar em relação íntima com seu adoecimento, configura-se como um tipo de saída aos impasses que o desencadearam. Artaud foi internado várias vezes em diferentes ocasiões, sendo o período de nove anos consecutivos (1937-1946), o mais extenso. Retornou ao

subúrbio de Paris, em 1946, onde, depois, foi encontrado morto em seu quarto, em 4 de março de 1948. Autor de obras marcantes como *O teatro e seu duplo* (*Le théâtre et son double*), de 1938, e o texto performático e radiofônico *Para acabar com o julgamento de deus* (*Pour en finir avec le jugement de dieu*), de 1948. Seus escritos expressam a ousadia de inscrever um lugar de existência e de seu projeto político-ideológico-estético:

não se trata de assassinar o público com preocupações cósmicas transcendentais. O fato de existirem chaves profundas do pensamento e da ação segundo as quais todo espetáculo é lido é coisa que não diz respeito ao espectador em geral, que não se interessa por isso. Mas de todo o modo é preciso que essas chaves estejam aí, e isso nos diz respeito (Artaud, 2006 [1938], p. 79).

Convém sublinhar que, devido à relação do trabalho do poeta com a linguagem e à gravidade de seu adoecimento, seria arriscado, do ponto de vista teórico, conceber a noção de sublimação como decorrente de mecanismos neuróticos e do recalque. A exploração se justifica, todavia, por alargar as investigações da sublimação não apenas como um destino pulsional, mas como um traço na origem, o trabalho da produção como em si satisfatório. Assim, a criação pode comparecer tanto na via sublimatória, cujo resultado é produção do objeto, descarga de tensão, quanto como força empregada no movimento constitucional do sujeito.

A condição protagonista de Artaud quanto à criação situa-se no emprego visceral e vulcânico que faz da linguagem, entrelaçando a ela condições que estão para além do sentido socialmente compartilhado, ao sustentar sua posição singular diante da existência. A criação, a partir do uso da linguagem para além de sua função metafórica, indica a invenção de Artaud; ele a maneja integrando a presença da diferença, não de modo a tornar incompatível com a existência da língua, mas fazendo da distinção de sentido o centro de sua produção. Tal manejo da língua revela algo de sublimatório na medida em que pode conduzi-lo a algumas saídas diante do sofrimento que o assolava e que o movia, ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva, a força pulsional utilizada na criação nos conduz ao conceito de sublimação, cuja teorização por Freud se deu de modo bastante impreciso. O psicanalista inferiu, por sua vez, que a sublimação consiste na atividade de criar meios para a satisfação pulsional, a qual é sempre parcial, desviando-se da dimensão sexual. Trata-se do endereçamento a outros objetos, como a propensão intelectual, desportiva ou artística, que trariam satisfação: “a sublimação é um processo atinente à libido objetual e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual” (Freud, 2010 [1914], p. 40).

A respeito da sublimação, convém destacar a complexidade e os enigmas de sua origem. Mijolla-Mellor (2005) entende que “a gênese de psique em sua capacidade de sublimar (*Fähigkeit zur Sublimierung*) depende simultaneamente das disposições constitucionais do indivíduo (força originária da pulsão sexual) e dos acontecimentos da infância” (p. 1.803).

As condições de adoecimento de Artaud indicam a inserção no rol dos fenômenos da psicose, o que constitui um índice para sua capacidade de produção, isto é, de criar destinos pulsionais, fazendo uso da linguagem numa posição incomum. Incomum, aqui, tomado num sentido *stricto*, caracterizado pela preservação do não sentido, pela insistência em presentificar na linguagem o intransmissível, em determinada perspectiva teórica.

Os últimos anos de sua vida foram também de intensa produção, nos quais Artaud escreveu cerca de quatro mil páginas nos seus mais de 400 *cahiers*. Era-lhe impossível parar de escrever tamanho desejo de “letra” (*lettre*), no sentido lacaniano. Trazia sempre consigo um caderno escolar no bolso interno do casaco. Mesmo nos nove anos que passou internado em clínicas psiquiátricas, em condições atroz, sob o regime de eletrochoques e terapias invasivas, Artaud mantinha uma interlocução através de cartas com respeitáveis intelectuais de seu tempo. O conteúdo é o mesmo de seus pequenos cadernos, no entanto, bastante reelaborados.

Claudio Willer (2019) evidencia que a forma de expressão preferida de Artaud era feita através das cartas, pressupondo um interlocutor e contrariando a noção tradicional de obra. Artaud trocou correspondências, durante um período de sua juventude, na década de 20, com o editor da *Nouvelle Revue Française*, Jacques Rivière, endereçando-lhe seus poemas com vistas a publicá-los. Rivière rejeitou a publicação dos poemas, mas a correspondência não parou por aí, de modo que, posteriormente, o editor manifestou vívido interesse em publicar as cartas trocadas por eles, nas quais Artaud declarava o que surgia em sua escrita para além dos cânones estabelecidos, como podemos ler em um trecho de uma de suas cartas:

essa dispersão dos meus poemas, esses vícios de forma, essa diminuição constante do pensamento, é preciso atribuí-la não a uma falta de exercício, de posse do instrumento que manjava, de desenvolvimento intelectual, mas a um colapso central da alma, a uma espécie de erosão, ao mesmo tempo essencial e fugaz, do pensamento (Artaud, 2017 [1924], p. 17).

Artaud testemunhou sobre a incidência do inconsciente na escrita, o que escapa ao sentido costurado pela consciência, pela racionalidade do pensamento. A “erosão do pensamento” abre um espaço vazio, permitindo a criação de outros sentidos e significações e a falta deles, não se limitando às categorias pré-existentes.

Ele estava submetido a uma imposição contínua de escrever, a um ímpeto em se manter na condição de criador (*Dichter*), uma vez diante da emergência da arte na construção do mundo. Observamos o trabalho psíquico ininterrupto que era também material para realizar suas obras. Sobre isso, Lacan (2010 [1954-1955]) declarou que “no homem, é a má forma que é prevalente. É na medida em que uma tarefa está inacabada que o sujeito volta a ela” (p. 114). É sobre o inacabado, e naquilo que manca, que Artaud empenha-se constantemente, sobre aquilo que insiste na vida do sujeito como um trabalho que não cessa de exigir. O campo da criação, embora se beneficie continuamente da arte e da estética, alcança também aquilo que envolve a própria constituição do humano, de modo que a manifestação do

impulso criador redunde em um entrelaçamento entre a pulsão e a linguagem, expressando a atividade psíquica da fantasia, no caso das neuroses, e do delírio, no caso das psicoses.

Do campo da criação, emergem os destinos do tornar-se humano e as saídas possíveis para estados de adoecimento. Isso porque Freud (2010 [1914]) pôde demonstrar que o psiquismo é submetido à necessidade de ultrapassar o narcisismo primário e colocar a libido em objetos, ideia que o remete aos versos de Heine: “a doença foi bem a razão; De todo o impulso de criar; Criando eu pude me curar, Criando eu me tornei são” (p. 29). Assim, a função da criação pode constituir um tipo de atenuação para a angústia que nos leva ao adoecimento, indicando um caminho possível para a invenção *sinthomática* e para a cura como forma de enovelar-se no sintoma e produzir algo desse ato.

Assim, admitimos a criação como uma possibilidade para ultrapassar a repetição na medida em que o motor criativo impele à diferença, à busca pelo acabamento para sua tarefa, fazendo não somente cessar a repetição, mas prescindir dela. A matéria de que o sujeito dispõe nessa criação é, ao mesmo tempo, a matéria e o instrumento simbólico.

Ao especular sobre as origens da criação, Lacan (2008 [1959-1960]) sublinhou os aspectos da pulsão de morte, advertindo que os efeitos seriam estratificados na linguagem, da qual o humano é simultaneamente produto e produtor: “a dificuldade é de não se precipitar sobre o fato de que o homem é o artesão de seus suportes” (p. 146). Artaud, como artesão da criação, ilustra, como é de seu estilo, a coisa manual, a fábrica da linguagem, insistindo numa posição inventiva decorrente da necessidade de construção de um pilar para fazer seu lugar no mundo. Podemos dizer que Artaud usa a palavra de modo singular, cujo esvaziamento de sentido o impele a sustentar-se numa produção para além do sentido. Encontramos, aqui, uma intersecção importante entre o trabalho poético de Artaud e o trabalho do psicanalista. O trabalho da criação, inerente à produção de Artaud e Lacan, reside na contínua tarefa de incluir a pluralidade de invenção com a palavra, possibilitando deslocamentos de sentido sem eliminá-lo ou recusá-lo, haja vista sua característica de ligação.

Acerca desse entendimento, Jacques Derrida (2011) questiona, no caso de Artaud e de sua produção, a fragmentação entre o discurso clínico e o discurso crítico ao mostrar que a “palavra soprada” (*le mot soufflé*, guardando as possibilidades semânticas para *soufflé* como *roubada* também), pois a severa separação entre a loucura e a obra ou pensamento do artista deve ser relativizada. Considera-se que há estruturas poéticas e estruturas psicológicas. Para Derrida, Artaud reivindica a singularidade de sua experiência, tornando-a indissociável de sua própria vida, havendo uma outra via de acesso, como se apresentasse uma unidade que não aceitou se dissociar. A palavra soprada/roubada, de acordo com Derrida, é a palavra que se distancia do corpo, materializando-se em obra, pois é a própria palavra sopra/roubada.

Lacan (2008 [1959-1960]) reiterou ainda que “a noção de criação deve ser promovida agora por nós, com o que ela comporta, um saber da criatura e do criador” (p. 150). A matéria da criação de Artaud é a linguagem; sua criação, o poema:

seus girassóis de ouro brônzeo estão pintados: eles estão pintados como girassóis e nada mais, mas para compreender um girassol natural é preciso agora recorrer a Van Gogh, do mesmo modo que para compreender uma tempestade natural, um céu tempestuoso, um prado natural, já não se pode fazê-lo sem recorrer a Van Gogh (Artaud, 1993, p. 72).

A poesia expressa a invenção que recorre à matéria da palavra. O delírio na psicose costuma encontrar condições particulares na poesia e no fazer poético para tomar a palavra num ato que atravessa o sentido e o coloca em suspenso – suspensão que sustenta as produções de seu estilo. Afinal, “nada é feito a partir do nada”, lembrou Lacan (2008 [1959-1960], p. 153).

A criação poética de Artaud alinha-se à metáfora do vaso usado por Lacan, que consiste em considerá-lo como “um objeto para representar a existência do vazio no centro do real que se acha a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se efetivamente como um *nihil*, como nada” (p. 153). Esse vazio, do qual o humano é tributário desde sua entrada no mundo da linguagem não é, portanto, atributo da psicose ou da neurose, mas condição da existência, podendo nos fornecer potentes articulações ao campo comum da Psicanálise e das Artes, uma vez considerada a criação a partir da ausência. É por repousar nesse vazio que a criação recebe sua tessitura de endereçamento ao Outro da cultura. Nisto, reconhecemos o legado de Artaud no campo do teatro, no qual se observa uma insistência em fazer laço com o espectador, a partir do choque, como arte autêntica.

Considerações finais

Sobre a função do criador (*Dichter*), Lacan (2008 [1959-1960]), leitor de Freud, examinou: “a questão do criador em Freud é, portanto, saber a que se deve ser apenso, em nossos dias, daquilo que dessa ordem continua se exercendo” (p. 154-155), e liga a função de criador ao lugar da dita Psicologia das pulsões, da qual:

não pode de modo algum limitar-se a uma noção psicológica – é uma noção ontológica absolutamente fundamental, que responde a uma crise de consciência, que não estamos forçados a discernir plenamente, pois estamos vivendo-a.

Sendo assim, Artaud é um estandarte pulsional, situa-se no limite, cuja loucura e normalidade se entrelaçam e produzem obras como resultado de trabalho psíquico ou de suas tentativas. Como o próprio autor (2019, p. 37) afirma na junção entre a arte e o seu duplo, a vida: “o teatro é a encenação, muito mais cerimonial pode reencontrar, no plano do teatro, uma nova realidade; na medida em que cedem àquilo que se poderia chamar de tentação física da cena do que a peça escrita e falada”. Isso se dá pois o que se pensa e o que faz na criação artística cria laços entre poeta/criador, obra e espectador; disso tudo, pode surgir “uma nova realidade”, destruidora da possível realidade dogmatizada e robótica, desestruturando o mal-estar psíquico e cultural, seja pelo delírio, seja pela arte.

Podemos extrair de Artaud, portanto, valiosas lições que alargam a compreensão sobre a criação no campo da linguagem, cuja composição revela a força da pulsão como aquilo que se representa em diversas formas.

Referências

ARTAUD, Antonin. *A perda de si: Cartas de Antonin Artaud* (1924). Tradução: Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: o suicida da sociedade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo* (1938). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ARTAUD, Antonin. *Oeuvres*. Paris: Quarto Gallimard, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2011

DIDIER-WEILL, Alain. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

DIDIER-WEILL, Alain. *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris: Aubier, 2016.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: além do princípio de prazer*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 57-220.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: *Sigmund Freud – obras completas*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010, v. 12, p. 13-50. (Selo Companhia das Letras).

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 53-68.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Sigmund Freud – Obras completas*. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Schwarcz, 2016, v. 6, p. 128-209. (Selo Companhia das Letras).

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965). In: *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 198-205.

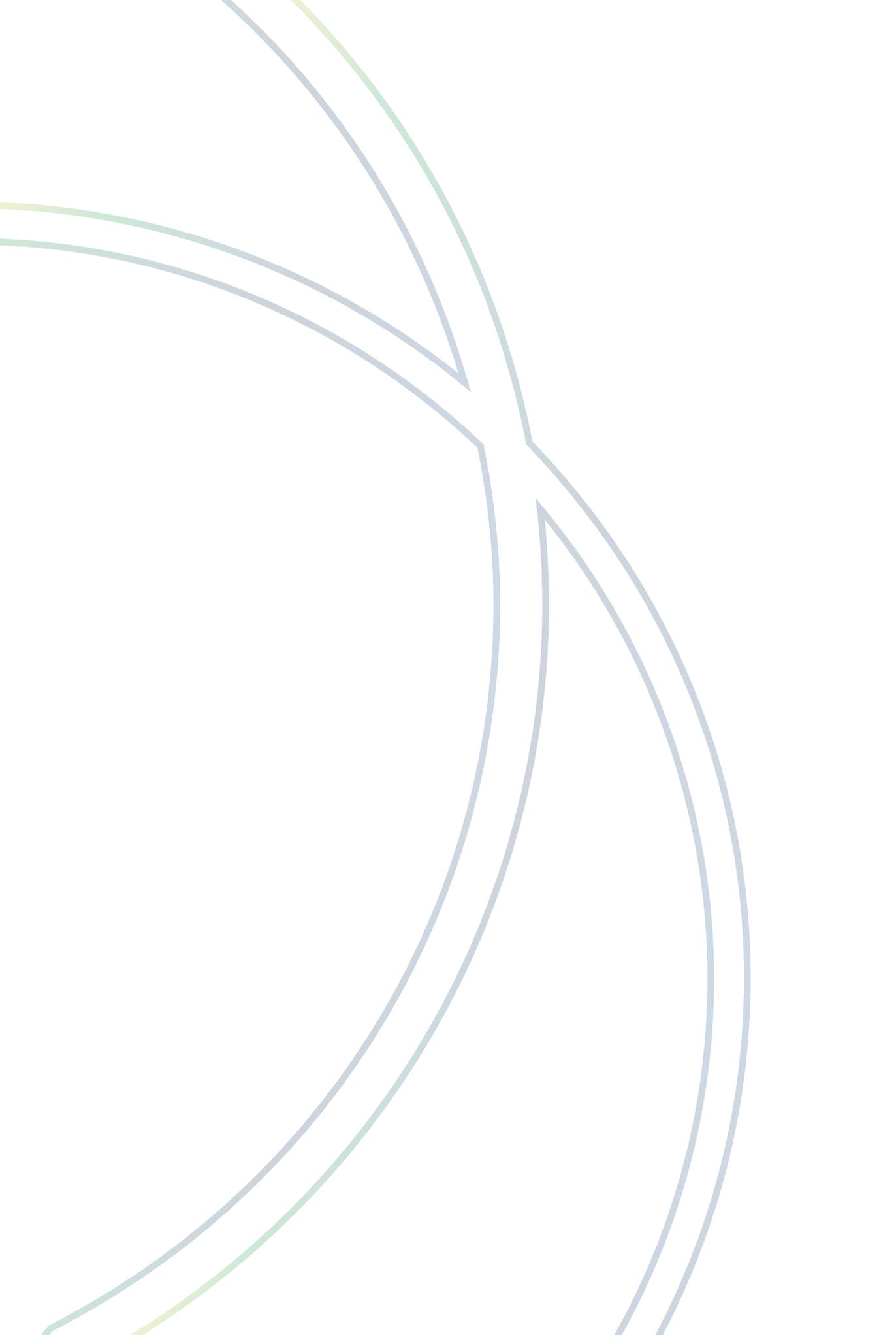
LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MIJOLLA-MELLOR, Shopie. Dicionário Internacional de Psicanálise. In: MIJOLLA, Alain (org.). Rio de Janeiro: Imago, 2005.

WILLER, Claudio. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 2019.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonalves Ferreira. Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral. Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia